

Valores Éticos e Estéticos Relativos À Temática Ambiental e À Literatura Infantil

Ethical and Aesthetic Values Regarding Environmental Issues and Children's Literature

Valores Éticos y Estéticos Relativos A la Temática Ambiental y A la Literatura Infantil

Débora Aparecida de Souza¹
Dalva Maria Bianchini Bonotto²

Resumo

Diante da crise ambiental, implicada nos atuais padrões insustentáveis de relação sociedade-natureza, há um consenso de que a educação pode contribuir para seu enfrentamento, sendo a escola um local privilegiado para colaborar com a revisão de concepções e valores que sustentam essa crise. Nesse sentido, reconhecendo a relevância dos materiais escolares de apoio, dentre eles, as obras de literatura que, de alguma maneira, veiculam concepções e valores, objetivamos identificar e analisar o conteúdo axiológico relativo à natureza e à relação sociedade-natureza presente em livros de literatura infantil, caracterizando as concepções a partir das quais a valoração é apresentada. A pesquisa, de abordagem qualitativa, teve como *corpus* documental um conjunto de livros selecionados a partir dos “Acervos Complementares: alfabetização e letramento nas diferentes áreas do conhecimento”, referente ao período de 2013 a 2015, oferecido às escolas brasileiras. A análise do conteúdo das obras, apoiada em Bardin, permitiu identificar diversas concepções de relação sociedade-natureza, predominando a antropocêntrica e a utilitarista. Um número expressivo de obras apresentou o valor estético, desinteressado, e o valor ético do cuidado, que podem inspirar a sociedade a rever os valores que atribui à natureza e a relação que estabelece com ela.

Palavras-chave: Educação ambiental e valores. Literatura infantil. Relação ser humano-natureza.

Abstract

Considering the environmental crisis, related to the current unsustainable society-nature relationship patterns, the fact that education can contribute to its confrontation is consensus. This is because the school is a privileged place to collaborate with the revision of the conceptions and values that sustain such crisis. In this sense—and recognizing the relevance of the supporting school materials that somehow convey conceptions and values, among them the literature works—, we aim to identify and analyze the axiological content related to the nature and society-nature relationship present in literature books, characterizing the conceptions from which valuation is presented. The investigation was developed under a qualitative approach and had as its documentary corpus a set of books selected from the “*Acervos Complementares: alfabetização e letramento nas diferentes áreas do conhecimento*,” offered to Brazilian schools between 2013 and 2015. The analysis of the works content, as supported by Bardin, allowed us to identify various conceptions of the society-nature relationship, predominantly the anthropocentric and utilitarian conceptions. Concerning to the values, a significant number of works presented an uninterested aesthetic approach, an ethical value of care as well, which can inspire the society to rethink the values it attributes to nature and also the relationship we have established with it.

Keywords: Environmental education and values. Children’s literature. Human-nature relationship.

Resumen

Ante la crisis ambiental, implicada en los actuales patrones de relación sociedad-naturaleza insostenibles, hay un consenso de que la educación puede contribuir a su enfrentamiento, siendo la escuela un lugar

¹ Secretaria Municipal de Educação de Rio Claro, SP. Email: de-debi@hotmail.com

² Unesp/ Rio Claro - Instituto de Biociências, Programa de Pós-graduação em Educação. Email: dalva.mb.bonotto@unesp.br

privilegiado para colaborar com la revisión de las concepciones y valores que sostienen esa crisis. En este sentido, y reconociendo la relevancia de los materiales escolares de apoyo que, de alguna manera, vehiculan concepciones y valores –entre ellos, las obras de literatura–, objetivamos identificar y analizar el contenido axiológico relativo a la naturaleza y a la relación sociedad-naturaleza presentes en libros de Literatura Infantil, caracterizando las concepciones a partir de las cuales la valoración es presentada. La investigación, desarrollada bajo un enfoque cualitativo, tuvo como corpus documental un conjunto de libros seleccionados a partir de los “*Acervos Complementares: alfabetização e letramento nas diferentes áreas do conhecimento*”, entre 2013 y 2015, ofrecido a las escuelas brasileñas. El análisis del contenido de las obras, apoyado en Bardin, permitió identificar diversas concepciones de relación sociedad-naturaleza, predominando las concepciones antropocéntrica y utilitarista. En cuanto a los valores, un número expresivo de obras presentó el valor estético, desinteresado, y valor ético del cuidado, que pueden inspirar la revisión por la sociedad de los valores que atribuye a la naturaleza y la relación que establece con ella.

Palabras clave: Educación ambiental y valores. Literatura infantil. Relación ser humano-naturaleza.

1 Introdução

Historicamente, o ser humano tem se relacionado com a natureza valorando-a, concebendo-a ou conceituando-a de maneiras diferentes. Partimos do reconhecimento de que conhecer essa história e as “aproximações e oposições” (SOUZA; CAVALARI, 2009) dela derivadas nos permite compreender as práticas contemporâneas e repensar novas práticas, mais apropriadas do ponto de vista ambiental.

De acordo com Grün (2011), por muito tempo vigorou na Europa a “concepção orgânica de natureza”, que a concebia de maneira antropomorfizada, como algo vivo e animado que possui formas, movimentos, qualidades e outras propriedades, e com a qual o ser humano estava integrado. Nesse sentido, até então, não existia o conceito de natureza como o concebemos hoje.

Porém, ao longo do tempo, essa relação de valores e conceitos foi se alterando nas diversas sociedades e das mais diversas maneiras: social, material, espiritual e cultural. Por volta dos séculos XVI e XVII passou a se enfatizar um processo de mudança desse paradigma embasado em uma nova concepção de natureza e, com isso, a visão orgânica de natureza foi dando lugar a uma visão objetiva e mecanicista de uma natureza desantropomorfizada.

Nessa nova relação com a natureza, o homem passou a se conceber como principal ser do planeta, desenvolvendo o que se denomina como uma concepção antropocêntrica. Essa concepção se acentuou com o desenvolvimento da ciência moderna, instaurando uma visão mecanicista de natureza, objetivando-a. O ser humano não se sentia mais parte dela, podendo então, dominá-la, pois ela passou a ser vista como um recurso (GRÜN, 2011).

No século XX, a visão que o ser humano desenvolveu sobre a natureza é a de quem vê um elemento de utilidade, não mais considerando seu *valor intrínseco*, o que contribuiu para desencadear o que vários autores, entre eles Leis e D’Amato (1995) e Grün (2011), consideram ser uma crise ambiental ou ecológica, crise em que “a questão toda se concentra, portanto, no modo como a natureza se faz presente para o homem; ou melhor: no modo como o homem torna a natureza presente” (BORNHEIM, 1985, p. 18).

Diante dessa crise que se instaurou, há necessidade de se buscar outras maneiras de concebermos e nos relacionarmos com a natureza, já que os atuais padrões em que nos pautamos têm se mostrado inadequados.

Nesse sentido, para conduzir as reflexões de nosso trabalho e as análises que serão realizadas, nos apoiaremos em Marin (2007), considerando o termo natureza

empregado no seu sentido mais usual, que designa a dimensão viva, ambiente onde se inserem todas as formas de vida, incluindo o ser humano, mas que tem uma identidade própria quando contraposto às construções humanas, que, por sua vez e nesses termos, ganham o caráter de artificialidade. A natureza é aqui colocada como 'outro' não para dar idéia de algo apartado do ser humano, mas como algo que, apesar de ganhar o estatuto de ente, especialmente no pensamento moderno, a ele se interconecta e se faz sentir (p. 13).

Essa reflexão se articulará à educação, que, a partir dos anos 1970, passou a ser vista como uma das possibilidades de enfrentamento da *crise ecológica*. A educação, abordando a temática ambiental e constituindo, assim, a chamada educação ambiental (EA), tem sido uma das formas de atuação da sociedade para enfrentar os problemas ambientais decorrentes dessa crise.

Dirigindo nossas reflexões para a escola, tida como local privilegiado, seja para a transmissão da cultura, seja como geradora de mudanças sociais, entendemos que o trabalho com EA, enquanto processo educativo realizado no âmbito escolar torna-se um elemento essencial para o trabalho envolvendo valores e posturas perante a natureza e a vida como um todo.

A escola e os materiais que ela utiliza podem ajudar na manutenção dos atuais valores hegemônicos, sob um olhar mecanicista e objetificador. Porém, esses mesmos materiais podem contribuir para alterar esses valores, proporcionando alternativas para concebermos e nos relacionarmos com a natureza. É o caso dos livros de literatura infantil, por exemplo, foco de interesse de nossa investigação e aos quais nos voltaremos agora.

2 A literatura infantil no Brasil: a escola e a natureza

Inicialmente é importante deixarmos claro o papel primordial da literatura infantil, conforme indica Coelho (1991):

A Literatura Infantil é, antes de tudo literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização [...] (COELHO, 1991, p. 24, grifo da autora).

Partindo dessa perspectiva, neste trabalho nos voltaremos às potencialidades educativas da literatura infantil, defendendo a necessidade de se considerar os aspectos artísticos e pedagógicos que ela oportuniza.

Os conceitos de educação e literatura sempre estiveram relacionados, embasados nos pilares do nacionalismo, intelectualismo, tradicionalismo cultural e moralismo e religiosidade. A escola e a literatura infantil são de natureza formativa segundo Coelho (1991), sendo essa uma das justificativas para a efetivação de sua tradicional relação mútua. Os laços entre ambas receberam grandes incentivos da classe média, já que eram meios de fortalecer seus ideais, o que acarretou o desenvolvimento do caráter pedagógico dessa modalidade literária.

Segundo Gregorin Filho (2009), a literatura infantil tem muito a contribuir para a aquisição de valores culturais. Essa contribuição se deve ao fato de ela ser estabelecida dentro de cada cultura, e as crianças ao terem contato com ela podem identificar valores, ideologias, padrões de comportamento de seu grupo e de outros, contribuindo para o aumento de seu repertório.

Até o século XIX a imprensa no Brasil era proibida, passando a ser liberada apenas a partir de 1808. As primeiras obras literárias produzidas foram traduções ou

adaptações de obras estrangeiras, europeias ou orientais, modeladas à imagem nacional (LAJOLO; ZILBERMAN, 2006).

No final do século XIX, o Brasil atravessava um período de relevantes mudanças sociais e políticas, com o fim da escravidão e da Monarquia e o início da República. Este período foi marcado, também, pelo crescimento urbano, levando ao desenvolvendo potencial de um público consumidor de livros infantis.

Os reflexos dessas mudanças se traduziram, também, na literatura infantil, que, efetivamente, estava se esboçando brasileira e se articulava com a história das transformações da sociedade, configurando-se com um perfil conservador, lançando mão do culto cívico, do patriotismo e da exaltação da natureza. Essa literatura se converteu em instrumento de difusão do modelo de modernidade da classe dominante às demais camadas sociais (LAJOLO; ZILBERMAN, 1988).

Durante esse período de efetivação da literatura infantil genuinamente brasileira, alguns autores se destacaram, entre eles podemos citar Monteiro Lobato que, de acordo com Coelho (1991), por meio de suas obras, levava às crianças o conhecimento da tradição, questionava as verdades feitas, os valores e os não valores. Segundo a autora, Monteiro Lobato foi o divisor de águas da literatura infantil brasileira, pois separa o *Brasil de ontem e o Brasil de hoje*, rompendo com estereótipos e abrindo-a para novas ideias.

Thales de Andrade foi outro autor que se destacou, pois trabalhou com as representações sociais do cotidiano das crianças brasileiras do início do século XX, o mundo rural. Este autor já mostrava, por meio de suas obras, sua preocupação com a questão ambiental, como a relação entre desmatamento e preservação de mananciais, por exemplo.

Monteiro Lobato e Thales de Andrade fizeram as crianças se identificarem com suas obras literárias, pois suas representações lhes eram familiares. Naquele momento, ambos os escritores captaram a linguagem adequada para comunicar-se com as crianças brasileiras, projetando “o campo como o cenário predileto para a aventura das crianças” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2006, p. 61).

A partir dos anos 1940 a literatura infantil passou a ser criada em cenários rurais, ora em uma fazenda cafeeira decadente, ora em uma fazenda como área de lazer para crianças da cidade. O espaço rural já não representava mais o país que se urbanizava e o cenário urbano se tornou mais presente na literatura infantil brasileira a partir de então (LAJOLO; ZILBERMAN, 1988, 2006).

A abordagem da natureza há muito tempo está presente na literatura infantil, seja enquanto cenário da vida rural em diferentes aspectos (caso de obras de Monteiro Lobato), seja como questão a ser pensada (a exemplo obras de Thales de Andrade), ou ainda como algum elemento da natureza que se evidencia, mesmo que somente por meio de gravuras.

Assim, consideramos que a utilização de livros de literatura infantil no contexto escolar é relevante na formação da criança leitora, pois traz revelações de um mundo histórica e ideologicamente construído, que são retroalimentadas ou renovados à medida que novos valores são instaurados na sociedade.

Essas obras com seus valores, concepções, anseios e omissões são reflexo da sociedade, e a educação, por intermédio da escola, pode desenvolver um trabalho que faça da literatura um meio de reflexão sobre o sistema de valores vigentes, podendo propiciar uma revisão da racionalidade instrumental e utilitarista que foi desenvolvida em nossa sociedade diante da natureza.

Nesse sentido, consideramos que, associar a literatura infantil que aborda tais questões à escola constituirá um tripé que possibilitará um trabalho em conjunto, podendo

despertar no leitor/aluno questões de natureza ética e estética relacionadas à natureza e à relação sociedade-natureza, possibilitando que a literatura infantil possa se tornar elemento da emancipação humana, como propõe Zilberman (1998).

A partir disso, dirigimos nossas reflexões em torno dos valores éticos e estéticos em nossa relação com a natureza.

3 Valores éticos e estéticos e relação sociedade-natureza

Ao tratarmos dos valores, entendemos e concordamos com Frondizi (2005) que afirma que valorar é uma característica dos seres humanos, pois o valor não existe por si só; continuamente atribuímos valor a algo. É com base nos valores que conduzimos nossa vida e interpretamos o mundo ao nosso redor. Assim, os valores (sejam de ordem ética ou de ordem estética), constituem um conjunto de princípios que direcionam o pensar e o agir em consonância ao grupo social do qual o sujeito faz parte.

Em se tratando de nossa relação com a natureza, os valores éticos estão relacionados aos padrões de conduta considerada mais adequada na relação sociedade-natureza, ou seja, eles são constituídos na relação do dever do ser humano com o outro, no caso a natureza.

No que se refere ao valor ético, segundo Grün (2011), conceber a natureza a partir de uma ética utilitarista, como a que vivenciamos na atualidade, significa considerá-la “apenas quanto ao seu valor de uso” (GRÜN, 2011, p. 40). A “concepção utilitarista” traz a ideia de que tudo que existe na natureza, de alguma maneira, tem a utilidade de servir ao homem, que a torna objeto de uso para si. Sob essa concepção, a natureza é objetivada para que o ser humano se *emancipe* dela, passando a não fazer parte de sua constituição, enquanto um de seus elementos.

Grün afirma que desde os anos 1980 diversos autores fazem apontamentos, convergindo para o mesmo ponto: “nossa civilização é insustentável se mantido(s) o(s) nosso(s) atual(is) sistema(s) de valores” (GRÜN, 2011, p. 22). Ele ainda propõe que, mais do que criarmos novos valores para rever essa relação com a natureza, temos que nos reapropriar de alguns dos que foram esquecidos e que se perderam ao longo do tempo, por exemplo, reavaliarmos a alienação do homem enquanto um dos elementos constituintes da natureza.

No mesmo sentido podemos considerar o que defende Buxarrais Estrada (2006) ao tratar do valor ético do cuidado. Segundo a autora a concepção da “ética do cuidado” e/ou da responsabilidade se estabelece em um processo de ação humanitária, de solidariedade e compromisso com o outro, no caso, a natureza. É um cuidado motivado pela compaixão.

Sendo assim, entendemos que o valor ético do cuidado mostra-se uma possibilidade de se contrapor e atenuar o valor ético utilitarista, em que se valora a natureza apenas pelo que ela tem de útil aos seres humanos.

Já em se tratando de valores estéticos, Bonotto (2012) afirma que:

[...] a experiência estética frente à natureza pode significar uma possibilidade de relação ser humano-natureza desinteressada, oposta à visão sujeito-objeto, de caráter reducionista e utilitário, estimulada pela ciência moderna. A apreciação estética nos permitiria ampliar nossa apreensão da natureza, pois esta não ficaria restrita ao olhar analítico (p. 49).

Também nos apoiamos em Marin (2006) quando afirma que “a percepção que o ser humano tem da natureza, a partir da experiência estética, supera a rigidez e a vontade de domínio, devolvendo-lhe a condição de conaturalidade com seu meio, seu espaço”

(MARIN, 2006, p. 286). A autora defende que a estética propicia ao ser humano se reencontrar nas coisas, na natureza, no mundo, tendendo a valorizá-las não pela utilidade que podem significar, mas por estar em unidade com elas. Para a autora, a estética “abre perspectivas autônomas podendo levar o ser humano a se emancipar daqueles valores que, pela razão ou pela heteronomia de um imaginário social, são-lhe incutidos como necessidades” (MARIN, 2006, p. 286).

De acordo com Marin e Oliveira (2005), o ser humano tem a necessidade de ultrapassar a questão conceitual, desenvolvendo novas percepções sobre o que vivencia e é nesse momento que a manifestação estética se faz presente. Nesse sentido, o valor estético se faz necessário para a possibilidade da construção de uma relação sociedade-natureza mais sensível ao outro.

A partir da experiência estética, portanto, atribuímos valor estético aos elementos, valorizando-os não pela utilidade, mas por eles mesmos enquanto outro que esteticamente nos sensibiliza. Essa é uma capacidade humana de superar o olhar imediatista sobre as coisas que compõem o mundo, buscar a essência das coisas e a interação do ser humano com o mundo. A estética provoca as sensibilidades, afetividades, capacidades imagética e criadora e, ao fazê-lo, pode despertar o senso ético do ser humano (MARIN, 2006). Segundo a autora, o despertar estético se faz urgente, já que a percepção do ambiente passa pela sensibilidade estética.

Entendemos e concordamos que a valorização estética da natureza presente em obras de literatura infantil é algo positivo presente em nossa sociedade, pois é um primeiro passo para que olhemos o outro, no caso a natureza, observando e considerando suas características próprias e seu valor intrínseco. Isso pode ser indicativo de um despertar para a sensibilidade, para a educação dos sentidos, como sugere Duarte Junior (1988) e pode nos levar a um senso ético (MARIN, 2006).

Reconhecemos as perspectivas sobre o valor ético e estético do cuidado que se articulam e se potencializam. A postura ética frente à natureza nascida a partir dessa concepção fomentaria um padrão de relação sociedade-natureza bem diferente do atual padrão antropocêntrico utilitarista. A ética do cuidado se estabeleceria a partir da sensibilidade perante o outro – natureza.

Partimos dessas reflexões e perspectivas para nos dedicarmos à análise dos livros de literatura infantil presentes na escola.

4 A pesquisa

O objetivo da pesquisa realizada foi identificar o conteúdo axiológico ético e estético relativo à temática ambiental (natureza e relação sociedade-natureza) presente em livros de literatura infantil, caracterizando as concepções a partir das quais a valoração é apresentada. Salientamos que, ao analisar os livros de literatura infantil, o foco foi buscar nesses documentos apenas o que deveria ser pertinente à pesquisa: indícios axiológicos referentes à EA. Não os analisamos enquanto gênero literário em si.

O desenvolvimento da pesquisa se deu sob perspectiva qualitativa do tipo análise documental, apoiando-nos em Lüdke e André (1986) e Bardin (2009) em que buscamos o “universo de significados, crenças e valores que perpassam a relação do ser humano com a natureza”, por meio de livros de literatura infantil. A técnica de análise documental foi escolhida por ser apropriada para investigar as expressões/linguagem axiológicas sobre a natureza que permeiam os livros de literatura infantil.

Para tanto, foram selecionados, para compor o *corpus* documental da pesquisa, os “Acervos Complementares: Alfabetização e letramento nas diferentes áreas do

conhecimento, 2013/2015”, compostos por 180 obras e destinados aos anos iniciais do ensino fundamental (1º, 2º e 3º anos). Justificamos a escolha dos Acervos Complementares pelo fato de serem distribuídos pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) a todas as escolas públicas que se cadastraram no censo do ano anterior à distribuição, abrangendo assim um número elevado de leitores.

O critério para escolha da obra em questão se deu a partir da análise de sua sinopse, que apontava a intenção de abordar a temática ambiental. Durante todo o processo de realização desta pesquisa, buscou-se o máximo de objetividade e rigor científico, enquanto fatores essenciais para uma pesquisa científica. O exercício da análise dos dados constituiu exercício cuidadoso para que, apesar do interesse que inspirava a análise das obras, com as quais uma das autoras trabalhava, o embasamento teórico e metodológico trouxesse o rigor necessário à investigação. Ainda assim, reconhecemos que, como qualquer trabalho dessa natureza, há limitações neste estudo.

Os dados coletados foram apresentados por meio de descrições e quantificações, embasadas pelos referenciais teóricos aqui adotados e explicitados.

Em busca de trabalhos já desenvolvidos que trouxessem alguma contribuição para esta pesquisa, encontramos uma lacuna quanto à publicação de investigações dessa natureza, ao procurarmos pela intersecção da questão ambiental com os valores e a literatura infantil. Poucos foram os trabalhos desenvolvidos nessa perspectiva que apresentaram aspectos coerentes com esta pesquisa.

No artigo “O livro infantil como instrumento para a educação ambiental: leitura e análise”, de Figueira, Campos e Santana (2001), as autoras pesquisaram os elementos que caracterizam a EA presentes nas narrativas (conscientização, conhecimento, atitudes, participação), temas relevantes para o debate ambiental com abordagem de conceitos apropriada, ou seja, o foco de pesquisa foi a instrumentalização das narrativas para a EA.

Outro artigo que se aproxima desta investigação é o de Souza e Cavaliari (2009), “As concepções de natureza e de relação sociedade-natureza no pensamento de Monteiro Lobato”. Ao término de sua análise, as autoras verificaram que nas obras de Monteiro Lobato há predomínio das concepções de natureza romântica e utilitarista, além de referências ao homem como destruidor e não pertencente à natureza.

O trabalho de Caretti e Zuin (2010), “Análise das concepções de educação ambiental de livros paradidáticos pertencentes ao acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola 2008”, também fez parte de nossas análises. Em seu trabalho, as autoras concluíram que os livros disponibilizados pelo PNBE 2008 que fizeram parte do *corpus* documental de sua pesquisa possibilitam o trabalho com a concepção crítica de EA, articulando a dimensão social à ambiental, apesar de, em sua maioria, apresentarem uma concepção naturalista em que essa associação não aparece.

Na pesquisa de mestrado de Mesquita (2011), “A literatura para a infância na construção de uma consciência ambiental”, a autora afirma “que os livros de literatura para a infância se constituem num ícone mediador para o desenvolvimento de competências nos vários domínios do *saber-saber*, do *saber-ser*, do *saber-estar* e do *saber-fazer*” (MESQUITA, 2011, p. 57, grifo da autora). Ela conclui que a literatura para a infância pode ser um recurso interessante para trabalhar com EA.

Apesar de esses trabalhos apresentarem a questão ambiental, eles não tiveram como objetivo a investigação sobre os valores éticos e estéticos em EA relacionados à literatura infantil, interesse mais específico desta pesquisa.

A análise do conteúdo das obras permitiu identificar diversas concepções de relação sociedade-natureza, entre as quais predominavam as concepções “antropocêntrica” e “utilitarista” que vivenciamos de forma mais acirrada na sociedade

a partir da modernidade, e que a literatura infantil, em geral espelhando a sociedade, contribui para manter. No entanto, identificamos algumas obras, ou aspectos de muitas delas, que se contrapõem a essa tendência, apontando para outras formas de conceber tal relação.

Trouxemos para detalhar neste texto, como recorte de nossa pesquisa, a análise da obra *Rubens, o semeador*, de Ruth Rocha, por identificarmos nela uma relação significativa entre o valor estético e o ético, que foca na apreciação estética de árvores.

Nesta obra, cuja imagem da capa e contracapa é apresentada na Figura 1, identificamos a apreciação estética desinteressada, por puro prazer de contemplar a natureza.

Figura 1 – Obra: *Rubens, o semeador*



Fonte: (ROCHA, 2011)

A narrativa trata de uma história verídica vivida pelo ilustrador, contada pela autora da obra. Suas ilustrações são em aquarela, todas remetendo a árvores ou a frutos, sementes e flores. Essas imagens são proporcionais aos textos na composição da obra; ora complementam o que foi dito, ora trazem informações adicionais em suas legendas.

A obra se inicia com o protagonista relatando que, quando era criança, seus professores lhe explicavam a importância das árvores. Nesse momento, pode-se vislumbrar uma concepção utilitarista que lhe foi passada, de maneira indireta:

Quando eu era menino, os professores, na escola, estavam sempre falando sobre a natureza, da importância de preservar as áreas verdes e os mananciais de água. Viviam lembrando a importância das árvores, pois são elas que purificam o ar, que preservam a umidade, que dão frutos e madeira para a construção e para a indústria. Diziam que as florestas e os bosques é que equilibram o clima (ROCHA, 2011, p. 4).

Identificamos a concepção utilitarista se evidenciando na justificativa dada para a necessidade de “preservar as áreas verdes e os mananciais”: sempre em função de sua importância para a manutenção de condições que, quando explicitadas, referem-se aos seres humanos (madeira para construção e para a indústria). Nenhuma referência é dirigida aos demais seres vivos, nem aos seres presentes nas áreas verdes e mananciais, que teriam, assim como nós, direito à vida. Nesse sentido podemos interpretar que todas as demais alusões (purificação do ar, preservação da umidade, equilíbrio do clima) indiretamente acabam associadas aos seres humanos.

Seguindo a narrativa, o protagonista da história indica que, certo dia, ao caminhar com sua mãe por uma rua do bairro, pela qual não passavam rotineiramente, observou o quanto aquela rua era bonita, por ser arborizada, passando a desejar que sua rua também fosse como aquela. Os excertos explicitam o encantamento do personagem, seu processo de contemplação estética do que via:

Era uma rua linda, cheia de árvores plantadas, uma alameda; e as copas se juntavam em cima, formando um túnel. [...] Eu fiquei encantado: – Mãe – eu disse – que rua tão bonita! Deve ser de gente muito rica! Eu então contei a meu pai a história da rua, que era tão linda só porque tinha uma porção de árvores plantadas (ROCHA, 2011, p. 7-8).

Dá em diante, seguindo a narrativa, o protagonista não mediu esforços, e superando todas as dificuldades que foram surgindo plantou uma árvore (a primeira de uma arborização que ele promoveu em todo o bairro).

O que nos chama a atenção nessa obra é o fato de ela apresentar, como mola propulsora que desenrola o enredo, a apreciação estética do ambiente (no caso, a rua arborizada), das árvores (enquanto elemento da natureza). Desde o início até o fim da história, a apreciação estética do ambiente e das árvores se mostra bastante significativa para o narrador, apesar de a “concepção utilitarista” ter aparecido de forma secundária, no início de sua vida escolar, conforme indicamos anteriormente.

Os excertos seguintes também exemplificam essa apreciação:

Quando abro a janela da frente e vejo a fileira de árvores que percorrem todo o meu quarteirão e continuam no quarteirão seguinte, no seguinte e no seguinte... quando vejo a passagem das estações, o tempo das folhas verdinhas, o tempo das flores, o tempo em que as folhas caem, os pássaros, as abelhas, os insetos, sinto-me feliz por ter feito o que fiz. [...] Estão distribuindo árvores por toda parte, tornando nossa cidade mais saudável, mais bonita e certamente, muito feliz! (ROCHA, 2011, p. 35-36).

Vale indicar, ao final desse trecho citado, uma alusão a certa perspectiva utilitarista, com um benefício externado: “nossa cidade mais saudável”. No entanto, este se articula a um número amplo e significativo de alusões à apreciação estética que o personagem expressa diante das árvores plantadas pela cidade. Podemos refletir, a partir disso, que a apreciação estética não significa desdém total com relação às necessidades humanas, o que pode nos inspirar em direção a uma visão menos dicotômica da relação ser humano-natureza.

Enfim, nessa obra, a apreciação estética se destaca, e ao apreciar as árvores dessa forma o protagonista se aproxima da ética do cuidado, trabalhando de forma cidadã no cuidado das árvores (contrariamente ao descaso que tantas vezes vemos em relação à arborização urbana) e pela arborização de todo bairro onde mora. O excerto apresentado a seguir evidencia a ética do cuidado que perpassa a prática do protagonista da história:

Eu planto sementes, que muitas pessoas me mandam, e cuido delas até ficarem grandinhas. Aí eu dou para vários grupos que se formaram e que estão fazendo a mesma coisa que eu fiz (ROCHA, 2011, p. 36).

No decorrer da leitura da obra se revela o quanto a apreciação estética vivenciada pelo protagonista diante das árvores se articula ao desenvolvimento de uma ética do cuidado direcionada a elas, corroborando o que Marin (2006, 2007) tem proposto e o que este artigo tem defendido.

5 Algumas considerações

Conforme o objetivo desta pesquisa, ao analisarmos o livro de literatura infantil, não tivemos a pretensão de olhá-lo em sua complexidade enquanto arte, mas buscamos em seu texto elementos referentes às concepções e valores que construímos frente à natureza. Reduzirmos nossa análise a esse aspecto foi uma limitação necessária que a pesquisa exigiu.

Sabemos que muito se tem dito e refletido acerca da EA, da literatura infantil e dos valores, mas articular os três, não tem sido tão frequente. Nesse sentido, nossas reflexões foram orientadas pelo pressuposto de que a literatura infantil, imbuída dos valores que a atravessam, pode colaborar de modo significativo na mudança de padrão de relação entre o homem e a natureza.

Assim, entendemos que não basta uma valorização da natureza baseada em uma concepção antropocêntrica utilitarista. Se a revisão de nossa relação com a natureza for calcada apenas nessa perspectiva, mantém-se sua objetificação e a dicotomia ser humano-natureza. Nos perguntamos até que ponto essa concepção pode ser suficiente para alterar o padrão de relação vigente, que hoje se mostra insustentável. Assim, chama-nos a atenção as obras literárias infantis nas quais os valores estéticos são explicitados, implicando uma concepção que se afasta desse utilitarismo.

No entanto, não podemos considerar as obras que apresentam concepções utilitaristas como “prejudiciais” por não irem ao encontro de uma educação ambiental do leitor, uma vez que, essa concepção aponta minimamente para a necessidade de repensarmos a degradação ambiental que assola o planeta de modo cada vez mais intenso, exigindo um processo de revisão de nossas ações. Mas questionamos o reforço que se dá em nossa sociedade ao utilitarismo, sem apresentação de um contraponto que pode significar um avanço a mais nesse processo.

A literatura infantil exerce papel significativo, pois é uma expressão artística produzida pela sociedade que oferece elementos para que a criança possa compreender melhor a realidade que a cerca, possibilitando que estabeleça uma relação em que seja possível conhecer, sensibilizar-se e ampliar seu mundo. Considerando que a literatura infantil é permeada de valores sociais, se os valores referentes à natureza, inerentes a certas obras, forem voltados para uma relação antropocêntrica eles poderão não oferecer elementos suficientes para que a criança possa desenvolver outra concepção e/ou construir valores ambientais mais desejáveis.

Porém, se ao longo de sua infância e juventude a pessoa desfrutar de uma literatura que enriqueça suas percepções sobre a relação entre o ser humano e a natureza, ampliará suas probabilidades de desenvolver uma concepção mais abrangente, ou seja, de olhar para o outro – humano ou não – considerando suas características e valor intrínseco e não somente sua utilidade.

Por compreendermos que o conteúdo dos livros destinados às crianças não é isento em das tensões inerentes ao tempo histórico, sabemos que sua conexão com a temática ambiental, de forma crítica, não é tarefa simples. Para tanto, entendemos que esse não é um trabalho exclusivo do professor/educador, mas, sim, um trabalho coletivo: do Estado, família, escola, comunidade, entre outros grupos sociais que se envolvem com a educação das crianças.

Consideramos que ao professor, devido à especificidade de seu trabalho, cabe demonstrar a riqueza de possibilidades interpretativas que se encontram nos livros infantis, a partir de seu conteúdo. Ele pode, ao lado da função artística, que é a função primeira da literatura infantil, ir além, pois o livro pode constituir-se em importante mediador para o desenvolvimento de aprendizagens variadas, inclusive do saber olhar

para o outro respeitando-o como tal. Nesse sentido, a apreciação estética se mostra um bom caminho para o desenvolvimento dessa ética.

Partindo do pressuposto de que o leitor não é um sujeito passivo, enquanto educadores, não podemos perder essa oportunidade de trabalho ficando alheios ao poder político da educação e da literatura infantil. Considerando a necessidade de a educação contribuir para a revisão da relação sociedade-natureza e dos valores que subsidiam o atual modelo, e ao mesmo tempo, realizando um trabalho que colabore na construção de outras valorações e novas relações, a literatura infantil tem muito a contribuir com nosso trabalho de educadores.

Referências

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BONOTTO, D. M. B. Educação ambiental e o trabalho com valores. In: BONOTTO, D. M. B.; CARVALHO, M. B. S. S. (org.). *Educação ambiental e o trabalho com valores: reflexões práticas e formação docente*. São Carlos: Pedro & João, 2012. p. 35-55.
- BORNHEIM, G. Filosofia e política ecológica. *Revista Filosófica Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 16-24, 1985.
- BUXARRAIS ESTRADA, M. R. Por una ética de la compasión en la educación. *Teoría de la Educación. Revista Interuniversitaria*, Salamanca, v. 18, n. 1, p. 201-227, 2006. Disponível em: <http://revistas.usal.es/index.php/1130-3743/article/view/3218/3243>. Acesso em: 30 jan. 2018.
- CARETTI, L. S.; ZUIN, V. G. Análise das concepções de educação ambiental de livros paradidáticos pertencentes ao acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola 2008. *Revista Pesquisa em Educação Ambiental*, Rio Claro, v. 5, n. 1, p. 141-169, 2010.
- COELHO, N. N. *Panorama histórico da literatura infantil juvenil*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- DUARTE JUNIOR, J. F. *Fundamentos estéticos da educação*. 2. ed. Campinas: Papirus, 1988.
- FIGUEIRA, J. A.; CAMPOS, M. J. O.; SANTANA, J. S. L. O livro infantil como instrumento para a educação ambiental: leitura e análise. *Educação: Teoria e Prática*, Rio Claro, v. 9, n. 16/17, p. 1-16, 2001.
- FRONDIZI, R. *¿Que son los valores?* 3. ed. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 2005.
- GREGORIN FILHO, J. N. *Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação do leitor*. São Paulo: Melhoramentos, 2009.
- GRÜN, M. *Ética e educação ambiental: a conexão necessária*. Campinas: Papirus, 2011. (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico).
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos*. São Paulo: Global, 1988.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. São Paulo: Ática, 2006.

- LEIS, H. R.; D'AMATO, J. L. O ambientalismo como movimento vital: análise de suas dimensões histórica, ética e vivencial. In: CAVALCANTI, C. (org.). *Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável*. São Paulo: Cortez; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1995. p. 77-103.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MARIN, A. A. A educação ambiental nos caminhos da sensibilidade estética. *Inter-Ação*, Goiânia, v. 31, n. 2, p. 277-290, 2006. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/1260/1290>. Acesso em: 9 jul. 2016.
- MARIN, A. A. A natureza e o outro: ética da compaixão e educação ambiental. *Pesquisa em Educação Ambiental*, São Carlos, v. 2, n. 2, p. 11-27, 2007.
- MARIN, A. A.; OLIVEIRA, L. C. B. A experiência estética em Dufrenne e Quintás e a percepção de natureza: para uma educação ambiental com bases fenomenológicas. *REMEA*, Rio Grande, v. 15, p. 196-210, 2005.
- MESQUITA, M. R. *A literatura para a infância na construção de uma consciência ambiental*. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Instituto Politécnico de Bragança, Escola Superior de Educação de Bragança, Bragança, 2011. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/5982/1/Mestrado%20Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2014.
- ROCHA, R. *Rubens, o semeador*. São Paulo: Richimond Educação, 2011.
- SOUZA, H. A. L.; CAVALARI, R. M. F. As concepções de natureza e de relação sociedade-natureza no pensamento de Monteiro Lobato. *REMEA*, Rio Grande, v. 23, p. 251-270, 2009.
- ZILBERMAN, R. *Literatura infantil na escola*. 10. ed. São Paulo: Global, 1998.